



A proposta do vereador Paulo Galtério (PSB) de acabar com a Orquestra Sinfônica de Campinas, sob o argumento que ela representa um al-

to custo para o Município em folha de pagamentos — R\$ 13 milhões ao ano, com seus 88 músicos — provocou reações indignadas nas

redes sociais e na classe artística ontem. O maestro da Sinfônica, Victor Hugo Toro (*na foto acima*), sustenta que o grupo dá bom retorno

à cidade, com 60 apresentações ao ano, para um público de mais de 50 mil pessoas e 3 mil crianças nas atividades didáticas.

PÁGINA A4

PATRIMÔNIO CULTURAL III SEM NOÇÃO

Ideia do fim da Sinfônica é repudiada

Proposta do vereador Paulo Galtério de extinguir com a orquestra tem reação de indignação geral

Maria Teresa Costa
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
teresa@rac.com.br

A proposta do vereador Paulo Galtério (PSB) de acabar com a Orquestra Sinfônica de Campinas por causa do custo que representa para o Município em folha de pagamentos — cerca de R\$ 13 milhões ao ano com seus 88 músicos — provocou reações indignadas nas redes sociais e na classe artística de Campinas ontem. “Quando fala em acabar com a Orquestra, ele está dizendo que quer acabar com uma das maiores instituições artísticas do Brasil, com o maior patrimônio da terra de Carlos Gomes”, reagiu o maestro da Sinfônica, Victor Hugo Toro. “A Orquestra não é um custo, mas um investimento de menos de R\$ 1,00 mensal por habitante da cidade”, afirmou.

Para maestro, houve uma manipulação de números e má intenção

Para o maestro, o custo da Orquestra é pouco diante do retorno que ela dá à cidade, com 60 apresentações ao ano, para um público de mais de 50 mil pessoas e mais de 3 mil crianças nas atividades didáticas. “A forma como ele fala dos salários foi forte, violenta e mal intencionada. Manipulou uma informação. Campinas ama sua Orquestra e ele foi muito leve em dizer que ela custa muito”, disse o maestro. Ele lembrou que Sinfônica é um departamento da Secretaria de Cultura que tem menos de 1% do Orçamento anual da cidade. “Não é extinguindo a Orquestra que vamos solucionar os problemas financeiros da cidade”, afirmou.

O pró-reitor de extensão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Fernando Hashimoto, disse que a importância da Sinfônica para a cidade é clara. Ele lembra que as instituições vivem uma crise financeira profunda no Brasil e as pessoas precisam procurar culpados. “A cultura é fundamental na formação do ser humano, da identidade de um povo. A Sinfônica tem uma importância histórica e cultural para Campinas. É uma das poucas sinfônicas municipais com esse grau de importância e qualidade artística”, afirmou.

Hashimoto avalia que o encaminhamento dado pelo vereador, de focar no custo com pessoal para justificar que a cidade “não pode arcar com esse luxo”, parece uma forma de jogar a população contra a Orquestra. “Se colocarmos os benefícios que qualquer evento que a Orquestra traz, é muito maior do que é investido nela”, afirmou.

O presidente do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas e da Associação Brasileira Carlos Gomes de Artistas Líricos (Abal), Alcides Acosta disse que vê com muita preocupação a tentativa de acabar com a Sinfônica. Para ele, a movimentação do vereador é uma infelicidade. “Atacar contra uma instituição como a Sinfônica, que custou esforço de tantos músicos, tantos maestros para se consolidar e se tornar uma instituição respeitada e conhecida, é realmente uma irresponsabilidade”, afirmou. Para ele, o dinheiro aplicado na Orquestra é muito bem empregado, porque faz Campinas ser conhecida por ter uma das melhores sinfônicas do País.

O vereador Paulo Galtério



Para o maestro, custo da Orquestra é pouco diante do retorno que ela dá à cidade, com 60 apresentações ao ano, a um público de mais de 50 mil pessoas
Cedro/RAC



Entre os defensores, o dinheiro aplicado na Orquestra é bem empregado, faz Campinas ser conhecida por ter uma das melhores sinfônicas do País

CARTA ABERTA DA SINFÔNICA

Foi com perplexidade que nós, da Sinfônica Municipal de Campinas, recebemos uma triste notícia sobre a elaboração de um projeto de lei que pede a extinção da Orquestra. Esta iniciativa surgiu a partir da divulgação de informações distorcidas sobre a remuneração dos nossos funcionários que passam a falsa impressão que nossos salários estão acima do teto constitucional. Em 2017, realizamos mais de 60 concertos para um público estimado total de mais de 50.000 pessoas, além de desenvolver projetos de forte cunho socioeducativo, levando

música de qualidade à população de baixa renda e a mais de 3.000 crianças da rede pública de ensino através dos nossos concertos didáticos. Nossos músicos e funcionários estão entre os melhores do País, recebem salários condizentes com as suas atribuições e responsabilidades, e fazem desta Orquestra uma das mais queridas e respeitadas entre seus pares e pelo público em geral. Desta forma, repudiamos ações como esta que, além de desqualificar um trabalho de impacto tão positivo na sociedade, expõe de forma

tendenciosa nossos funcionários e suas famílias, além de ameaçar a existência e manutenção de uma das principais instituições culturais do País. Aos nossos seguidores no Facebook, nosso profundo agradecimento! Estamos certos de poder contar com o apoio de todos frente a mais este desafio. Retribuiremos com mais afinco e paixão na realização do nosso trabalho, reafirmando o compromisso de levar boa música, cultura e dignidade para toda a população.

Atenciosamente,
Equipe OSMC.

São José dos Campos extinguiu a sua orquestra. A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) encontrou seu caminho e vive de patrocínio. Por que Campinas precisa gastar tanto dinheiro assim com os músicos?”, questionou.

O secretário de Cultura, Ney Carrasco, saiu em defesa da Orquestra e explicou que os valores dos salários apontados pelo vereador não eram de um músico individualmente, mas por categoria, incluindo, no valor, o custo de seis ou sete músicos. Para Carrasco, a divulgação da tabela dá a impressão falsa da realidade e é uma tentativa deliberada de denegrir a Orquestra e de constrengar os músicos, a família deles. “É um ataque injusto, de falta de reconhecimento do trabalho da Orquestra. Comparado a outras sinfônicas, gastamos pouco para ter a melhor Orquestra do País, um patrimônio cultural de Campinas”, disse.

Extinção já foi proposta antes por vereador

A extinção da Sinfônica de Campinas já foi proposta por vereador antes. Em 1977, o então vereador Hélio Rosolén apresentou um projeto para revogar duas leis — uma, de 1965, do prefeito Ruy Novaes, que criou a Orquestra Sinfônica de Campinas, e outra, de 1974, sancionada pelo prefeito Lauro Pérciles Gonçalves, que autorizava o Executivo a participar de fundação a ser constituída para manter e dinamizar a Sinfônica. “A cidade se levantou contra esse ataque à Sinfônica. Teve manifestações, protestos. Campinas mostrou naquela época seu amor pela orquestra. Foram dois anos de debates e discussões para impedir o fim desse patrimônio da cidade”, conta o jornalista José Roberto de Oliveira, que acompanhou o episódio. Protocolado em junho de 1977, o projeto foi rejeitado pelo plenário em abril de 1979. “No dia da votação a Câmara ficou lotada, com o povo disposto a impedir que uma loucura como aquela fosse cometida”, contou. (MTC/AAN)

PONTO DE VISTA

Jorge Alves de Lima, historiador especialista em Carlos Gomes e membro da Academia Paulista de História.



Acima de tudo há o povo de Campinas

“Estou perplexo. Referido vereador, advogado, demonstra uma falta de equilíbrio, atentando contra as tradições culturais da cidade de Campinas. Acima da Orquestra Sinfônica está o povo de Campinas, que sempre, ao longo da história, tem honrado as tradições artísticas, inclusive na Europa, com a presença marcante de Carlos Gomes, o maior gênio musical do continente americano em todos os tempos. Basta o que as administrações municipais fizeram com os teatros de Campinas. As despesas com os subsídios do referido vereador e seus comissionados, pelo escasso e inútil trabalho que ele apresenta na Câmara Municipal constitui, isso sim, um pesado encargo ao povo de Campinas. Tal vereador, se tivesse um pouco mais de brio, devia renunciar por incapacidade e ignorância.”